

Zumbi dos Palmares: luta que não acabou

Feriado resgata a história de resistência do herói quilombola, que inspira combate à discriminação racial há três séculos

» AMANDA S. FEITOZA

A história de Zumbi dos Palmares atravessa mais de três séculos e permanece como um dos principais símbolos da resistência negra no Brasil. Morto em 20 de novembro de 1695, o líder quilombola tornou-se referência na luta contra a escravidão e na construção da memória da população negra. É em homenagem à sua trajetória que o país celebra, hoje, o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra.

A escolha do 20 de novembro também representa uma mudança na forma de contar a história da abolição no Brasil. Durante muito tempo, o 13 de Maio, dia da assinatura da Lei Áurea, em 1888, concentrou as celebrações pelo fim legal da escravidão. A escolha de novembro, por outro lado, busca destacar a resistência de homens e mulheres negros que lutaram pela própria liberdade, antes mesmo da abolição formal.

A professora da Universidade Católica de Brasília (UCB) Kelly Quirino, mestre e doutora em Comunicação e especialista em gênero e raça, explica que a construção da data está relacionada à mobilização do movimento negro brasileiro. Na década de 1970, militantes passaram a pesquisar um marco histórico que reconhecesse o protagonismo da população negra na luta por liberdade. Entre eles estava o poeta e ativista Oliveira Silveira, que identificou a data da morte de Zumbi como um símbolo dessa resistência.

A partir desse movimento, o 20 de novembro ganhou espaço em diferentes regiões do país e passou a ser incorporado às mobilizações do movimento negro. Em 2011, a data foi instituída oficialmente como Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Mais tarde, em dezembro de 2023, a Lei nº 14.759 estabeleceu o feriado em âmbito nacional.

"É importante reescrever a história. A história do 13 de Maio é a de uma mulher branca que assina a Lei Áurea, apagando toda a resistência do povo preto. O 20 de novembro traz o protagonismo, a liderança, a luta e a resistência, além da reivindicação pela liberdade que sempre existiu na população negra brasileira", afirma Kelly.

Fernando Frazão/Agência Brasil



Monumento ao líder da luta contra a escravidão, no Rio de Janeiro, é palco de celebrações culturais e de luta contra o racismo no feriado

> **É importante reescrever a história. A história do 13 de Maio é a de uma mulher branca que assina a Lei Áurea, apagando toda a resistência do povo preto. O 20 de novembro traz o protagonismo, a liderança, a luta e a resistência, além da reivindicação pela liberdade que sempre existiu na população negra brasileira"**
>
> ***Kelly Quirino,*** *professora da Universidade Católica de Brasília*

Palmares

Localizado na região da Serra da Barriga, no atual município de União dos Palmares, em Alagoas, o Quilombo dos Palmares foi uma das maiores e mais duradouras experiências de resistência à escravidão nas Américas. No período de maior expansão, a comunidade chegou a reunir, segundo estimativas históricas, cerca de 20 mil pessoas.

Palmares não era formado por uma única aldeia. Sua organização se distribuía em núcleos conhecidos como mocambos, que mantinham lideranças locais subordinadas a uma autoridade central. A população era composta, majoritariamente, por pessoas negras que fugiam da escravização, mas também incluía indígenas e outros grupos.

A estrutura do quilombo ia além do refúgio de pessoas que escapavam da violência das fazendas. A comunidade desenvolveu formas próprias de organização política, econômica e social, estabeleceu relações comerciais e diplomáticas e manteve uma estrutura militar para proteger o território dos ataques coloniais.

A produção econômica era baseada, principalmente, na agricultura diversificada, com o cultivo de mandioca, banana, hortaliças e frutas. A variedade de alimentos contribuía para a subsistência dos moradores e demonstra a complexidade da organização comunitária.

"Era uma sociedade que tinha relações comerciais, tinha diplomacia, tinha exército. A forma de produção econômica era a agricultura, mas não era monocultura. Era uma agricultura variada, com plantação de mandioca, banana, hortaliças e frutas para a subsistência de todo o quilombo", explica a professora.

A trajetória de Zumbi está diretamente ligada à liderança e à defesa desse território. De acordo com relatos históricos frequentemente associados à sua biografia, teria sido entregue a um religioso aos sete anos e, posteriormente, fugido para Palmares durante a adolescência.

Antes de assumir a liderança, o quilombo era comandado por Ganga Zumba, tio de Zumbi. A relação entre os dois foi marcada por divergências. Enquanto Ganga Zumba buscou negociar um acordo com as autoridades coloniais, Zumbi se opôs aos termos que não garantiam a liberdade de todos os habitantes de Palmares.

Com a saída de Ganga Zumba da liderança, Zumbi intensificou a resistência às investidas portuguesas. A posição fez dele uma das principais referências na luta contra o sistema escravista colonial.

Em 1694, Palmares sofreu um dos ataques mais violentos de sua história, conduzido por forças coloniais. O território foi destruído, mas Zumbi conseguiu escapar. Foi localizado e morto em 20 de novembro de 1695. Sua cabeça foi decepada e exposta publicamente, numa tentativa de intimidar outras pessoas que resistiam à escravidão.

Para Kelly, a importância de Zumbi está relacionada à dimensão política de sua atuação e à capacidade de organização da comunidade. "Pela representatividade, pela longevidade e pela liderança que Zumbi teve, ele é considerado uma liderança para a população negra brasileira", destaca.

Dandara

A resistência de Palmares também teve a participação de mulheres que exerceram funções fundamentais na organização da comunidade. Entre os nomes associados à história do quilombo está Dandara, companheira de Zumbi e reconhecida como uma liderança feminina da resistência.

Segundo Kelly Quirino, Dandara teve participação na organização social e econômica de Palmares, com responsabilidades relacionadas à agricultura, à caça e à estrutura comunitária. Ela também teria participado das articulações contrárias às negociações de Ganga Zumba com as autoridades coloniais.

"Ela também era líder do quilombo e tinha responsabilidades com relação à lavoura, à organização social e à caça", afirma a especialista.

A professora ressalta que recuperar a trajetória de Dandara é importante para evitar que a história da resistência negra seja contada apenas a partir de figuras masculinas. A memória de mulheres que participaram das lutas por liberdade também integra a construção da identidade e da história afro-brasileira.

Memória e educação

Mais do que recordar a morte de Zumbi, o Dia da Consciência Negra propõe uma reflexão sobre os efeitos da escravidão e as desigualdades raciais que permanecem na sociedade brasileira. Para Kelly, a diferença entre as narrativas associadas ao 13 de maio e ao 20 de novembro está justamente na maneira como a população negra é representada: não como receptora passiva de uma liberdade concedida, mas como protagonista de sua própria história.

A especialista chama atenção para o período posterior à abolição, quando a população negra passou a viver formalmente em liberdade, mas sem políticas públicas suficientes para garantir condições de moradia, trabalho, alimentação e integração social.

"Foi uma população que teve liberdade, mas não teve comida, não teve casa. Foi expropriada de sua riqueza, de seu patrimônio cultural e de sua sabedoria. Por isso, é importante reconhecer que a luta pela liberdade não começou com a Lei Áurea", afirma.

Nesse contexto, o ensino da história e da cultura afro-brasileira também é apontado como uma ferramenta fundamental para combater o apagamento histórico. A Lei nº 10.639, de 2003, tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, mas sua implementação ainda enfrenta desafios.

Para Kelly, conhecer a trajetória de Zumbi, Dandara e outras lideranças negras contribui para ampliar as referências históricas e culturais oferecidas às novas gerações. "Estudar Zumbi é estudar estratégia de guerra, narrativa, liderança, representatividade, orgulho e liberdade. É mostrar que descendemos de reis e rainhas", diz.

Ao longo dos séculos, a imagem de Zumbi deixou de representar apenas a resistência de Palmares e passou a integrar o patrimônio simbólico da luta antirracista no país. Sua presença no *Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria*, assim como a instituição do feriado nacional, representa o reconhecimento de uma história que, por muito tempo, teve pouco espaço na narrativa oficial brasileira.

"A violência do Estado brasileiro foi não ter contado essa história por muitos anos, representar o povo negro apenas como escravizado e nunca como um ser líder, estratégico, protagonista e altivo", conclui.

Sankofa representa memória negra

» RAFAELA BOMFIM

Olhar para trás para compreender o presente e construir o futuro. Esse é o princípio do Sankofa, símbolo de origem africana que representa a necessidade de recuperar conhecimentos e experiências deixados pelo caminho. A ideia orienta a pesquisa de Emanuele de Freitas Bazílio, doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

"A principal lição é olhar para o passado, aprender com ele e apanhar o que ficou. Nesse movimento, a gente também olha para si e para as nossas próprias referências", explica.

Na tese *Constelações Afrofabulatórias: a Contravisualidade Negra-periférica como Autoinscrição, Ressignificação e Reexistência*, Emanuele desenvolve uma metodologia de análise de imagens baseada na simbologia africana. O estudo observa a produção de fotógrafos negros, sobretudo das periferias, e como seus registros apresentam experiências que não costumam ocupar espaço na mídia tradicional. Para a pesquisadora, essas fotografias permitem que pessoas negras contem suas próprias histórias, sem depender de representações construídas a partir de um olhar externo. "A gente repensa novos regimes de visibilidade, que não sejam mais aqueles tradicionais da mídia hegemônica. Agora, a gente se autorrepresenta", afirma.

O registro de pessoas, comunidades e territórios também contribui para preservar a memória da população negra. Emanuele considera que a fotografia produzida por profissionais negros forma um acervo para as próximas gerações, com imagens que mostram diferentes experiências e referências culturais. "A gente precisa de um acervo que mostre a nossa sociedade, e não mais aquele acervo colonial que colocava a negritude no lugar da servidão, da violência e da escravização", diz.

A reflexão sobre o Sankofa também passa pelo significado do Dia da Consciência Negra. Para Emanuele, a data deve estimular o reconhecimento da participação negra na formação do país, e não ficar restrita ao calendário de novembro. "O enfrentamento ao racismo acontece todos os dias, não só em uma semana do ano. Precisamos ter a prática antirracista como prática cotidiana", conclui. (**RB**)

Reprodução/Redes Sociais



Emanuele Bazílio: análise da simbologia africana em fotografias